



Pedagogia do Terreiro e suas Interfaces com a Agroecologia.

Diego Albuquerque Oliveira; Hegair das Neves Pereira; Maria Balbina dos Santos (Mam'etu Kafurenga); Heráclito dos Santos Barbosa (Táta Luangomina); Emanuel Lucas.

jinsabaagroecologia@gmail.com

Eixo Temático: Terra, Território, Ancestralidade e Justiça ambientais

Apresentação

Aqui há a necessidade de escrever na primeira pessoa, como uma posição política, local de fala através do qual nos manifestamos enquanto sujeitos pensantes e dotados da capacidade de construção e sistematização do conhecimento. Partimos da necessidade de protagonizar as decisões sobre os rumos de nossas vidas, de maneira insubmissa aos ideais que desde o escravismo vinculam ideologicamente a população indígena e afrodescendente à inércia e a outros aspectos de inferioridade.

Este trabalho é um exercício de poder e de uma autoria coletiva sobre as questões do conhecimento. O presente relato de experiência aborda as práticas pedagógicas desenvolvidas no terreiro Caxuté o Kunzo Nkisi Caxuté Kitembo Marvila Senzala do Dende espaço religioso dedicado aos ancestrais bantu de Nação Angola e aos caboclos, a partir da concepção da agroecologia e etnoecologia.

Buscamos compreender como este espaço geopolítico sagrado se relaciona através de processos educativos emancipatórios, levando em consideração a diversidade de comunidades tradicionais que o compõem, a partir de um contexto histórico marcado pela colonização europeia e resistências afro indígenas. Esta reflexão é importante para levantarmos elementos que apontem sobre ações concebidas por comunidades de terreiro para, desta forma, posteriormente aprofundarmos a interpretação sobre o racismo institucional e o processo de invisibilização destas comunidades diante das políticas públicas.

A base do diálogo exposta em síntese neste relato de experiência é, portanto, a vivência no Terreiro Caxuté que é oriunda da tradição desenvolvida a partir de Mãe Mira (Almira Conceição Santos), Mam'etu Kwa Nkisi do Terreiro Diandele Dandalunda, ambos situados no município de Valença, no território denominado de Baixo Sul da Bahia.

Contextualização da experiência

O Terreiro Caxuté foi fundado em 1994 e, desde 2005, sua comunidade situa-se na Rua da Graciosa, Km 11, distrito de Maricoabo, município de Valença, na Bahia. Sob



a liderança da pedagoga e sacerdotisa Mamétu Kafurengá (Mãe Bárbara), a Comunidade tem se tornado um território de referência na defesa do legado ancestral Bantu Indígena na Bahia, pois, além de ser um local destinado à celebração, tem se empenhado na construção de iniciativas que fortaleçam a ancestralidade e o modo de vida dos povos Bantu.

O reconhecimento da comunidade Caxuté como Primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana do Baixo Sul da Bahia com os Prêmios de Culturas Afro-brasileiras, da Fundação Palmares, no ano de 2014 e de Patrimônio da Salvaguarda Cultural, concedido pelo IPHAN, em 2015, são exemplos que valorizam as práticas desta comunidade. Além disso, mais recentemente, o terreiro abriga o Museu da Costa do Dendê, uma iniciativa que reúne as memórias bantu e a ação governamental.

O Terreiro Caxuté tem uma população que vive majoritariamente do trabalho agrícola ou da prestação de serviços (domésticos e outros). São oriundos de ampla diversidade de comunidades tradicionais, como a de pescadores, quilombolas, marisqueiras e extrativistas de dendê, de onde tiram também seu sustento. Além disso, alguns membros vivem como profissionais autônomos, professores, costureiras, cozinheiras, entre outras funções (KAFURENGÁ, 2017).

Os intelectuais e integrantes da comunidade terreiro Caxuté, Brandão, Givigi e Santos afirmam em diálogo com Bhabha (2003) que os problemas vão desde as metodologias de abordagem até ao questionamento das relações de poder que resultaram no (des)entendimento e apagamento das relações bantu-língua-cultura brasileira. É nesta fissura colonial, neste esquecimento e apagamento que tecemos memórias do presente/passado para produzir educação (BRANDÃO; GIVIGI & SANTOS, 2016, p. 2).

Desta forma, o terreiro torna-se um reservatório cultural que pode informar à Lei 10.639/2003 sobre a vida do povo negro no Brasil e sua cultura, de modo transversal em todas as disciplinas (BORGES, 2016). Sendo um lugar religioso, os espaços de candomblé são também locais da memória que foi roubada do povo brasileiro. Interessa-nos então educar a partir de nosso território e apreender o que ele pode dizer às escolas de Valença sobre valorização da vivência do sujeito na educação (KAFURENGÁ, 2017).

A memória contada e a história do povo negro e indígena reafirmadas são capazes de ressignificar o cotidiano da comunidade mudando as atitudes e criando vínculos profundos com as práticas de resistência às colonizações sofridas por este povo (MEIRELLES & FERNANDES, 2015). O terreiro é, portanto, espaço de memória e valorização de tradições africanas representadas pelos antepassados e que podem ser tomadas para enfrentar a colonização dos saberes. Relembra as estratégias de resistência construídas pelo povo negro e indígena no passado e vividas no presente e, por isso, torna-se também um ambiente propício para construção de nossa identidade como espaço político de luta.



Desenvolvimento da experiência

Na comunidade do Caxuté é cultivado o orgulho de construir valores afirmativos e de lutar como negros/as. Assim, o terreiro reúne valores, práticas, memórias, tradições e vivências ancestrais, instituindo uma pedagogia que busca utilizar-se deste reservatório negro ancestral para formar os sujeitos.

Ao sistematizar as experiências e as relacionar à ancestralidade negra e indígena; ao destacar memórias e estratégias como pedagogias que fundam lutas contra o racismo, a violência religiosa, o preconceito e pela afirmação destes povos, o Caxuté exerce e fundamenta-se nos princípios construídos pela Lei 10.639/03 e Lei 11.645/08, que determinam o ensino e aprofundamento da história da África e dos africanos no Brasil nos currículos nacionais.

Desse modo, buscamos em nossa história as referências para pensarmos nossa existência e nossa vida coletiva: para nós a oralidade e o “fazer coletivo” são a base da vida em terreiro. A religião é fonte de bens culturais, língua, procedimentos, alimentos, músicas, enfim variados elementos de rememoração e de afirmação da nossa história afro brasileira.

Com base na perspectiva etnoecológica, o estudo do complexo integrado pelo sistema de crenças (kosmos), o conjunto de conhecimentos (corpus) e de práticas produtivas (praxis) que possibilitam a compreensão das relações estabelecidas entre a interpretação, bem como a leitura dos processos envolvidos tanto no uso, como no manejo dos sistemas naturais (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009, p. 41), reafirmamos nosso compromisso com a valorização da terra, território e natureza como espaços sagrados de memória biocultural, necessárias para as vidas materiais e espirituais.

O terreiro, cujos ancestrais são celebrados por meio de alimentos, jinsaba (folhas), água e outros elementos, é um espaço do campo, sem muros, de atividades coletivas e cotidianas. Os encontros proporcionados pelo culto aos minkisi (forças energéticas cultuadas pelos povos bantus) permitem a troca de aprendizados, a construção de identidades e os acordos necessários à vida coletiva.

Por isto, na tentativa de descolonizar os saberes, a comunidade Caxuté desenvolve práticas educativas que se encontram nas memórias ancestrais do povo negro. Isto tem gerado uma forma de educar ligada intimamente ao cotidiano do terreiro, com diversas mobilidades e com orientações próprias que expressam as negociações e resistências dos/as negros/as bantu em terra brasileira. Toledo e Barrera – Bassols (2015) afirmam que ainda há grandes regiões do mundo, especialmente nas zonas tropicais, onde milhares de comunidades tradicionais continuam a realizar práticas que atestam um uso prudente da biodiversidade de cada um dos ecossistemas existentes.



Além do reconhecimento da comunidade Caxuté como Primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana do Baixo Sul da Bahia, Jefferson Brandão (2018, p.12) destaca que a comunidade Caxuté tem buscado construir diálogos com sujeitos coletivos que busquem tecer redes de autonomia pautadas na defesa do território, respeito à natureza, educação como ferramenta de emancipação e combate às violências e ao racismo.

Neste sentido Brandão (2018) destaca a participação da comunidade em fóruns, redes, conselhos, conferências e atuação na defesa de políticas públicas para os Povos e Comunidades Tradicionais, mulheres, negras/os e jovens. Além disso, o mesmo autor salienta a co-construção de articulações políticas com outros atores sociais como: Teia dos Povos, Mutirão dos Territórios do Baixo Sul e movimento negro.

Deste modo, novamente concordamos com Brandão (2018, p. 10) ao ressaltar que a Escola Caxuté e o Museu são ferramentas para girar saberes e intercambiar experiências junto aos mais diversos sujeitos que constituem relações com a comunidade. Principalmente ao levar em consideração a origem e características rurais e pesqueiras desta comunidade religiosa de candomblé de nação angola, que busca reafirmar valores ancestrais, por meio de giras de saberes e práticas vividas por vínculo comunitário. Além a própria escola, outras atividades e ações formativas são oriundas desta coletividade de terreiro: a Festa da Maionga de Kitembu; a Menha na Cumbuca de Lemba; a Primeira Micareta de Cajaiba; Baile de Chita; treinos de Capoeira Angola; Oficinas de Artesanato; Rodas de Leitura; Março Mulher Caxuté; Grupo Musical Colher de Pau com Tudo Dentro; Encontro Afro Ecumênico (Enafro); Samba de Roda; Dendê de Pilão; Negro Marvila e a Festa da Jurema do Caboclo Rei das Neves.

Desafios

O anseio de pesquisar estas práticas e analisar como elas resultam numa pedagogia que valoriza o terreiro como lugar de formação é o que motivou a criação do grupo de estudos Koaiqui Sakumbi em 2011, por integrantes do Terreiro Caxuté. Portanto esta dissertação está inserida num processo que, com base na prática da Pedagogia do Terreiro, não há separação entre sujeitos e objetos, bem como entre pesquisadores e pesquisados.

Partimos do pressuposto de que, assim como defendido por Paulo Freire (1987), todos têm o que ensinar e o que aprender. Pensamos também que a proposta da perspectiva decolonial tem, assim com a obra de Freire, um valor pedagógico na medida em que questiona os referenciais eurocêntricos a partir dos quais o conhecimento no campo das ciências sociais é produzido (PENNA, 2014, p. 183).

A falta de acesso aos estudos por parte da população negra e indígena não pode ser vista como algo natural, muito menos como uma escolha individual de cada pessoa: ela é uma imposição já que a educação não é universal e democrática. Se nosso povo deixa de frequentar a escola, quantas vezes isso não acontece porque o



conhecimento que lá existe não tem sentido para suas vidas? Ou pior ainda, o conhecimento que tem lá é o que faz com que nosso povo se sinta inferior em relação aos brancos. Além disso, incapazes em relação aos europeus. Quantas vezes se falam dos grandes impérios e grandes cidades do continente africano?

A nossa pedagogia do terreiro (MAM'ETU KAFURENGÁ, 2017) contribui, em forma e conteúdo, para o aumento da autoestima e empoderamento da população marginalizada na sociedade. Em forma, porque nela todos ensinam e aprendem, não havendo uma hierarquia que diz que uns são superiores porque estudaram mais do que os outros, por exemplo. Em conteúdo, porque conta ao nosso povo da diáspora e indígena, que seus antepassados foram reis, rainhas, guerreiras, guerreiros. Foram altamente desenvolvidos em técnica e tecnologia, produziram um grande conhecimento em relação à agricultura, à arquitetura, à infraestrutura, à astronomia e diversos elementos da natureza

Principais resultados alcançados

Nesse sentido, a escola Caxuté se consolida enquanto espaço de educação não formal, porém com sua própria formalidade, dialogando com a concepção de Educação omnilateral descrita por Frigotto (2012). A pedagogia do terreiro considera as dimensões que envolvem a vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico dos sujeitos envolvidos nos processos inerentes ao funcionamento da comunidade.

Percebe-se na prática pedagógica do terreiro, onde ao integrar pessoas de diferentes profissões, idades, grau de escolaridade, perfil socioeconômico entre outros aspectos, ao cotidiano da comunidade, traz consigo a materialização do significado de sua formação humana, que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico.

Tratamos de entender que os rituais e as práticas cotidianas vivenciadas ao longo do tempo no território de nossa comunidade constituem um modo de educar.

Disseminação da experiência

Reconhecemos que a comunidade do Terreiro Caxuté se constitui enquanto espaço de produção agrícola e pecuária, que são dependentes do que cultivam para perpetuação dos cultos e, conseqüentemente, da religião. E que, assim como outras comunidades tradicionais, necessitam de políticas públicas para potencializar a produção, garantindo seu desenvolvimento e sua a continuidade no território.

Desta forma, é indispensável refletir o que Machado & Machado Filho (2014) consideram como um dos muitos equívocos da extensão rural ligada à difusão da “revolução verde”, que foi levar aos produtores o pacote tecnológico sem considerar



a inteligência e o padrão cultural das famílias. Os autores afirmam que qualquer tecnologia de uso social deve se ajustar ao padrão cultural dos usuários. Isto implica em dizer que as propostas agroecológicas devem ser observadas de maneira holística, ter o conteúdo semântico e mesmo o significado técnico conforme o padrão cultural. Portanto, o respeito e adequação à cultura dos produtores é, também, atributo inerente à agroecologia.

Considerando que a agricultura é potencialmente uma atividade capaz de se integrar a outras atividades e que, no interior da comunidade Terreiro Caxuté, a prática agrícola realizada pelos filhos e filhas da casa está associada, entre outros procedimentos, à produção de alimentos utilizados nos rituais, pode-se dizer que o espaço religioso torna-se multifuncional por aliar as diversas áreas de conhecimentos tradicionais dos povos, sendo importante para fomentar a agricultura local.